

As estimativas para as safras de verão divulgadas em novembro pelo Departamento de Economia Rural (DERAL), da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (SEAB), permitem que preliminares projeções de rentabilidade sejam realizadas. Prevê-se que a cultura de soja tenha, no verão de 2021, área plantada 1,59% superior à do ciclo anterior. Espera-se, contudo, redução de -1,37% na quantidade colhida. O milho tende, grosso modo, a ocupar a mesma área do verão passado (variação de -0,10%), com queda de -4,75% no volume colhido. A primeira safra de feijão, a maior delas, pende a retrações de -2,71% na área plantada e de -5,72% na produção, na mesma base de comparação. A pluviosidade se mostrou aquém do necessário para que o plantio das três culturas fosse executado a contento.

O custo total de produção de soja por hectare, também mensurado pelo DERAL, com informações de novembro, registrou aumento nominal de 12,14% ante o mesmo mês do ano passado. Entre os elementos que compõem os custos variáveis, se destacou a elevação de 19,59% no preço das sementes. A aquisição delas responde por 13,05% do custo total nessa avaliação. Somente a obtenção de fertilizantes tem participação maior nessa estrutura de custos, com 14,51%. Fertilizantes e agrotóxicos estiveram submetidos a majoração de preços como consequência de desvalorização do real e pontuais restrições de oferta em países produtores. Essa flutuação de custos foi, entretanto, mais do que compensada com a valorização do produto. Em novembro, o preço médio pago aos produtores paranaenses pela saca de 60 quilos apresentou incremento de 91,48% em relação ao mesmo mês de 2019.

A alta das cotações elevará, contudo, os custos dos processos industriais que utilizam a soja como insumo. Em 2020, a combinação de aumento das aquisições do grão pela China, valorização do dólar e paralisações temporárias das indústrias locais, como forma de contenção da epidemia, provocaram escassez durante o reinício das atividades. A inesperada força da demanda interna em cenário de baixos estoques de soja reconduziu a indústria paranaense à importação do grão – paraguaio, principalmente – em ano de safra excepcional no Estado. Sob outras circunstâncias, esse processo também ocorreu no início do século.

Um dos segmentos sujeitos a essa pressão de preços é o de fabricação de biodiesel B-100. Segundo informações da Agência Nacional do Petróleo (ANP), o Paraná respondeu por 11,62% da produção nacional entre janeiro e setembro de 2020. O processamento cresceu 16,25% na comparação com o mesmo período do ano anterior, superior às variações registradas por Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás, estados com produção maior.

As aquisições da China, maior mercado externo de soja, devem permanecer volumosas em 2021. O país produzirá apenas 17,5 milhões de toneladas, ante consumo de 117,4 milhões, segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês). A manutenção dos estoques no patamar de 26,8 milhões de toneladas levará a inédita quantidade importada. Desde 2013 o Brasil é o principal fornecedor de grãos de soja para a China.

O milho é o terceiro produto mais relevante no Valor Bruto da Produção (VBP), calculado pelo DERAL. Respondeu por 8,93% dele em 2019. A expectativa é de que a redução na quantidade colhida na safra de verão seja compensada por expansão da safra de inverno. Em 2020, 23,41% da produção paranaense de milho (15,23 milhões de toneladas) foi colhida na primeira safra. A cultura tem perdido espaço para a soja. A área plantada da safra de verão em 2021 representa 27,96% da área a ela destinada em 2009.

O despeito dessa redução de volume, o milho ainda ocupa uma posição de destaque nas exportações paranaenses, com US\$ 828,87 milhões aferidos em 2019 e US\$ 272,93 milhões entre janeiro e novembro de 2020, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério da Economia. Ademais, o grão tem relevância sem

* Economista, técnico da equipe permanente dessa publicação.

precedentes na fabricação de alimentos local, como insumo para produtos destinados ao consumo humano (farináceos e óleo, principalmente) e para ração animal. O processamento de ração animal é particularmente importante no Estado, que respondeu por 21,04% dos abates de suínos e por 32,62% dos abates de frango do Brasil nos três primeiros trimestres de 2020.¹

Esses ramos da indústria são intensamente vinculados e as cooperativas paranaenses levaram a verticalização da cadeia de produção de proteína animal ao estado da arte. Os frigoríficos e suas redes integradas de granjas também têm tido ganhos de rentabilidade que dependem de previsibilidade de custos e diversificação de mercados externos. As safras de milho têm sido, portanto, acompanhadas com cuidado. Frustrações no volume ofertado no mercado interno são contornadas com importações que garantam estoques operacionais equilibrados.

Exemplo claro dessa dinâmica foi dado pelas quebras das safras brasileiras de verão e inverno de 2016, com diminuições de quantidades colhidas ante os ciclos anteriores de -24,73% e -15,62%², respectivamente, que provocaram importações de 1,13 milhão de toneladas pelo Paraná naquele ano, mormente do Paraguai. Entre janeiro e novembro de 2020, as aquisições externas do grão cresceram 18,39%, em volume, na comparação com o mesmo período do ano anterior, impulsionadas por aumento na demanda por ração. O preço do quilo da ração para frango de corte variou 53,57% entre novembro de 2019 e de 2020.

A expectativa para 2021 é de crescimento no volume importado pelo Paraná, ainda que a produção nacional se mostre promissora (elevação de 3,3% frente à primeira safra de 2020)³. O custo total de produção por hectare registrou elevação de 13,72% ante ao de 2020, com 23,40% de aumento nos gastos com fertilizantes. Elementos com mais peso nessa função, eles responderam, em média, por 26,09% do custo total. A comparação entre o custo de produção (R\$ 38,47) e o preço pago ao produtor (R\$ 67,58), por saca, ainda é vantajosa com o patamar de perda estimado. Não se prevê, contudo, grandes oscilações nos preços internacionais em 2021, se mantidas as condições de oferta. Estimativas do USDA indicam expansão de 2,45% na produção global de milho frente à de 2020, com aumentos de 2,21% no consumo e de 2,11% na demanda por ração.

A importância do feijão se dá pelo peso no consumo familiar nacional e pelo fato de que o Paraná reúne a maior produção nacional, quando consideradas as três safras anuais, com 20,33% do total em 2020⁴. Consideradas todas as variedades, o consumo diário *per capita* no Brasil chegava a 142,2 gramas em 2018, de acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF-IBGE) daquele ano.

A plantio da primeira safra no Paraná se encerrou em novembro com custo de produção 13,63% superior ao do ciclo anterior, em média. Entre os fatores de produção, as sementes sofreram a maior variação de preços (45,20%) no período. Os agrotóxicos têm a maior participação no custo total de produção (19,82%) e apresentaram discreta queda de preços (-0,90%). O preço médio recebido pelo produtor de feijão preto foi, em dezembro, 114,86%, superior ao registrado no mesmo mês do ano anterior. Consideradas as cotações ao longo do ano, tem-se que o preço médio de remuneração ao produtor foi, por saca de 60 quilos, 50,31% maior do que o de 2019.

A importância econômica das culturas de verão no Paraná ultrapassa a rentabilidade da produção, seja pelo efeito renda que impulsiona comércio e serviços, seja pelo consumo intermediário, como demonstrado na Matriz Insumo-Produto do Paraná⁵. Finalmente, os desafios para todos os agentes envolvidos na produção agrícola continuam sendo a conquista de ganhos sustentáveis de produtividade e diversificação nos mercados externos alcançados.

¹ IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

² IBGE - Produção Agrícola Municipal.

³ IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

⁴ IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

⁵ SANTOS, M. A; KURESKI, R. Análise dos impactos na economia paranaense: uma aplicação do modelo insumo-produto. **Cad. IPARDES**, Curitiba, v.7, n.2, p.16-50, jul./dez. 2017.